



REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA HOMOFOBIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM AO LONGO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Paulo Alves Xavier da Silva ¹
Ana Patricia Farias Borges ²
Albertina Marília Alves Guedes ³

INTRODUÇÃO

A intolerância homofóbica tem ampla representação nos espaços educativos, local onde o preconceito transforma a singularidade sexual de alguns alunos em alvo de violência. A homofobia expressa o medo, a aversão e ódio a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, de maneira a ridicularizá-los por não corresponder com a relação gênero-sexualidade atribuídos aos seus órgãos biológicos. Isso reflete a tentativa de repressão visando a manutenção da heteronormatividade. (TEIXEIRA-FILHO, RONDINI e BESSA, 2011).

Segundo Borriho (2009) sociedades onde o machismo predomina, a homofobia resulta em uma “vigilância do gênero” exaltando a virilidade tanto como ferramenta de negação ao feminino como também rejeição à homossexualidade. Com isso há uma exclusão social de indivíduos que não se adequem a normatividade imposta ao gênero que é pouco flexível a diversidade sexual. Por outro lado, como aborda Mello et al (2012) essa discriminação não é da mesma ordem que aflige lésbicas que são oprimidas com a lesbofobia que é uma junção de homofobia, machismo e sexismo.

Assim abordar tais aspectos antropológicos que institucionalizam a repugnância contra a sexualidade e dignidade da comunidade LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero e outras sexualidades, Intersexo e gêneros que fogem do padrão heterossexuais e cisgênero, mas que não se encaixam nas letras citadas anteriormente) são de extrema relevância. Dessa forma esse trabalho pretende apontar práticas dentro da escola que servem para reprodução do preconceito, analisar os impactos causados às vítimas, além de possíveis rotas educacionais para desconstruir a homofobia. Por meio da revisão teórica consolidar os conceitos que serão discutidos, tendo como objeto de investigação as relações interpessoais entre alunos e alunos e educadores.

METODOLOGIA

Este trabalho propõe uma pesquisa qualitativa para analisar e discutir sobre a influência da homofobia no processo de aprendizagem do aluno ao longo da formação acadêmica de graduandos em licenciaturas em física, química e música do IF Sertão – PE, campus Petrolina. Dessa forma, a investigação se iniciou com leitura e reflexões de artigos encontrados nas plataformas do Scientific Electronic Library Online (SCIELLO) e Google Acadêmico, o próximo passo foi a construção de um questionário de caráter majoritariamente qualitativo,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, paulxavier2012@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, anapatriciaborges9@outlook.com;

³ Professora orientadora: Mestre em Ciências da Educação, Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, albertinamarilia@hotmail.com;



onde em alguns momentos há a possibilidade de se observar a investigação com caráter quantitativo, a fim de compreender da melhor maneira os fatos abordados. Por isso, questões com temáticas complexas foram colocadas como discursiva, no entanto há ainda coleta de dados estatísticos.

Deve-se ressaltar que o questionário foi adaptado de SANTOS (2017) sendo feito um direcionamento para a correlação entre aprendizagem e homofobia. Com isso, houve uma investigação baseada na observação empírica e análise de comportamento para selecionar pessoas com a sexualidade distinta da heterossexualidade, em seguida, essas pessoas foram abordadas individualmente de forma discreta e informadas da pesquisa.

Todas as pessoas questionadas sobre se interessaram e dispuseram-se a participar. Assim, antes de responderem ao questionário, foi entregue um termo esclarecido informando a temática a ser tratada e um espaço onde o aluno afirmava a participação voluntária.

Logo em seguida foi entregue o questionário, além de serem orientados a responder com calma, os alunos foram informados da confidencialidade das informações prestadas.

Quanto ao questionário em primeiro momento há uma busca por conhecer as características dos entrevistados, as perguntas, portanto, refletem sobre idade, sexualidade, gênero e origem escolar. Para com isso, formular dados preferencialmente quantitativos. Enquanto que, há depois as perguntas que refletem sobre questões da homofobia no ambiente escolar, representando a fundamentação dos dados, preferencialmente, qualitativos.

DESENVOLVIMENTO

É imprescindível pensar na escola e a universidade, enquanto instituição de ensino e local responsável pelo desenvolvimento da cidadania, como um local onde todas as diferenças entre os alunos sejam respeitadas, uma vez que percebe-se o aluno na sua integralidade, isso incluem as diferentes sexualidades que os alunos podem manifestar ao longo da sua vida acadêmica. Entretanto, segundo Teixeira-Filho, Rondini e Bessa (2011) muitas vezes há uma falha em cumprir a responsabilidade de diminuir a homofobia que ocorre no ambiente, fazendo com que a ambiente escolar se torna responsável por reproduzir tais preconceitos. A intenção de debater gênero e sexualidade no ambiente escolar vêm aumentando, no entanto, nas últimas décadas a partir do desejo de inserção dos novos temas em tais locais, abrangendo o debate desde o início da formação do cidadão, porém mesmo que haja a intenção de tratar tais temas positivamente, ainda ocorre a reprodução da LGBTfobia, que segundo Butler (2003) se caracteriza pela aversão, ódio, descrença ou medo dirigido à gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e outras pessoas que não se encaixam no padrão principalmente cisgênero e heterossexual.

Dinis (2011) citando Louro (1997) relembra que o preconceito contra alunos LGBTI+ em sala de aula ocorre não só a partir de ameaças e ofensas diretas, mas também a partir da exclusão e dos afastamento fazendo com que o aluno se sinta desestimulado a frequentar o ambiente e com que ele tenha mais chances de desenvolver problemas psicológicos causados por tal violência também psicológica, esse silenciamento de alunos LGBTI+ garante que a “norma” cisgênero e heterossexual seja garantida no local.

Como aponta Irineu (2014) às primeiras iniciativas governamentais voltadas especificamente para a saúde LGBTI+ ocorreram no primeiro mandato do ex-presidente Lula, pois antigamente havia apenas políticas que os abraçavam sem focar neles de maneira direta, os partidos de esquerda se mostraram ao longo dos anos mais preocupados com políticas públicas que atendem à questões LGBTI+, porém é necessário que mesmo tais políticas sejam analisadas e problematizadas, buscando-se principalmente buscar formas de incrementá-las e melhorá-las cada vez mais.

Natarelli et. al. (2015) reitera que a homofobia pode interferir negativamente na saúde do aluno, entendendo-se por saúde uma série de fatores que incluem o bem estar físico e mental, uma boa qualidade de vida e boas relações sociais, a homofobia pode intervir dentro todos esses aspectos a partir de ameaças físicas, verbais, sexuais ou psicológicas e pela exclusão que pode ser praticada. Foi perceptível para os autores que tais atos de homofobia dificultam também na criação de hábitos de vida saudáveis do ponto de vista físico e mental, pois tais práticas levam a um constante estado de vulnerabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram entrevistados dez alunos, dentre os quais maior parte é do gênero masculino (60%) e 30% do gênero feminino, 10% dos alunos marcaram a opção Outros em relação ao gênero, porém não foi especificado. A idade dos alunos entrevistados varia entre 19 e 24 anos e foram entrevistados alunos dos cursos de licenciatura em Química, Física e Música. Sobre a orientação sexual, maioria, também 60%, respondeu ser homossexual, enquanto outros 30% dos entrevistados disseram ser bissexuais e 10% escolheram a opção Outros, também foi deixado à escolha do entrevistado especificar caso escolhesse tal opção, portanto não houve complemento para a resposta.

Com relação a demonstrar abertamente sua sexualidade no ambiente acadêmico, todos os alunos responderam positivamente, porém quando perguntados se já se sentiram excluídos ou rejeitados, os alunos que responderam que não buscaram justificar a falta dessa exclusão, comentando sentir a necessidade de se adaptar a padrões vistos como heterossexuais para se sentirem mais aceitos, como o Entrevistado 4, por exemplo, complementou: "(...) acredito que não atendo a nenhum estereótipo que seja muito aparente.", foi perceptível também o desejo de se encaixar nas falas dos Entrevistados 3 e 6, ao falar que possuem "(...) uma harmonização tranquila (...)" com alunos heterossexuais e que conseguem "(...) agradar a população heterossexual (...), poucos alunos responderam que sim, alguns apontando que tal rejeição havia ocorrido em momentos anteriores na sua formação, porém não no ensino superior.

Para Vianna e Diniz (2008) há a invisibilização do aluno que foge do padrão heterossexual pois a homofobia se torna institucionalizada na escola e as práticas de exclusão passam a ser aceitas e ampliadas, mesmo que poucos alunos tenham comentado sofrer exclusão ou rejeição, quando perguntados sobre, os que sofreram apontaram ter notado claro desconforto de pessoas próximas de manter contato e frequentar o mesmo ambiente, como apontado por exemplo pelos Entrevistados 2 e 5, Castro, Abramovay e Silva (2004) apontam que existem diversas formas de discriminação no ambiente escolar, muitas vezes os atos de homofobia, lesbofobia e bifobia não são feitos de maneira agressiva ou rapidamente perceptível, podendo então ser feito a partir de formas de exclusão e o afastamento da pessoa LGBTI+, que pode ou não perceber tais atos com facilidade. Complementa-se também que tal desconforto percebido pelo aluno entrevistado foi acompanhado da ideia de que o entrevistado poderia "dar em cima" da pessoa e a deixar desconfortável, apontando o preconceito por parte da pessoa praticando tão rejeição ao ver pessoas LGBTI+ como pessoas com comportamento bastante predatório.

O Entrevistado 10 também apontou ter percebido olhares diferentes de outros alunos que podem ser justificados por sua forma extrovertida de se expressar e expressar também sua sexualidade no ambiente, tal violência, mesmo que não seja física ou direta, aponta que ainda se cobra, porém de maneira menos explícita, que haja o enquadramento nesse padrão heteronormativo colocado pela sociedade, e que todos os que descumprirem isso, realmente serão tratados de algum modo ruim.

Opondo-se a isso, houveram também alunos que enfatizaram ter um convívio normal com alunos não-LGBTI+ e demonstraram se sentir acolhidos pelo Instituto, como aponta o Entrevistado 8 ao dizer que "(...) o IF é um lugar bem acolhedor com as diferenças, até onde

pode notar", com relação ao Campus Petrolina, onde os entrevistados estudam, é possível perceber que há uma série de atividades ao longo do ano que visam abordar, principalmente no Ensino Médio, mas que também podem contar com a participação de alunos do Ensino Superior, como palestras, rodas de conversa e exposições tratando sobre gênero e sexualidade que envolve também pessoas LGBTI+.

Quando perguntados se já haviam pensado em desistir do curso por conta de algum conflito pessoal, os alunos comentaram, principalmente ter crises de ansiedade ligadas à sua sexualidade e como ela interfere em suas relações interpessoais por conta do preconceito, foram apontados também questões relacionadas à depressão e problemas familiares. Como reforça Natarelli et. al (2015) a homofobia interfere diretamente na saúde, principalmente, do adolescente, porém, pode-se imaginar que tais discriminações possam ser negativas para a saúde de pessoas independente da idade. Também é reforçado pelos autores que a homofobia está ligada à tentativa de suicídio, cuja chance é maior de ocorrer se comparado à alunos heterossexuais, pois a homofobia prejudica também o bem-estar e a qualidade de vida daquele que a sofre, além da saúde, incluindo a saúde mental, previamente comentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos resultados percebe-se que a universidade é um ambiente menos hostil e facilitador da expressão da diversidade sexual, no entanto no ensino médio e nos centros sociais como um todo a realidade não é tão tolerante.

Os entrevistados por terem passado ao longo da sua formação por ambientes homofóbicos, buscaram se enquadrar em comportamentos oriundos da sexualidade culturalmente mais aceita pela sociedade. Muitas vezes desconstruindo traços da sua personalidade genuína para “despistar” o preconceito que ainda persiste. Isso revela o medo em expor uma identidade sexual diferente da heterossexualidade, mesmo em ambientes de formação de nível superior.

Com isso, caracteriza-se em uma situação geradora de conflitos internos, podendo comprometer o bem estar do aluno, as interações sociais e em situações mais extremas a própria permanência do aluno na instituição bem como a sua integridade moral. Todos esses eventos tornam o processo de aprendizagem frágil e compromete a captação dos conteúdos, uma vez que pode promover diversos tipos de instabilidade ao aluno, desde emocional até vontade de não se dedicar a escola.

Palavras-chave: Educação sem preconceito; Homofobia na escola, Tolerância, Diversidade sexual.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guaciara Lopes. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BORRILLO, Daniel. **A homofobia**. Tatiana Lionço; Debora Diniz. Homofobia e Educação, LetrasLivres, 2009.
- DINIS, Nilson Fernandes. 2011. **“Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”**. Educar em Revista, Curitiba. N. 39, p. 39-50, jan./abr.
- IRINEU, B. A. **10 anos do Programa Rio Sem Homofobia: notas críticas**. Temporalis, n. 28, ano 14, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

NATARELLI, Taison Regis Penariol et.al. **O impacto da homofobia na saúde do adolescente**. Esc. Anna Nery [online]. 2015, vol.19, n.4, pp.664-670.

SANTOS, Jailson Batista dos. **Os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade**: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia. 2017.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra; BESSA, Juliana Cristina. **Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 725-742, dez. 2011.